ANO 20.º SEXTA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6475

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

TRAVOU-SE UM COMBATE A' SAIDA DA MANCHA

entre contratorpedeiros ingleses e alemães

BERLIM, 29 — Comunicado do supremo comando das forças armadas alemãs: — «Contra-torpedeiros alemães empreenderam uma acção á saida ocidental do canal da Mancha, até ás proximidades do litoral da Inglaterra. Esses barcos deram batalha a contra-torpedeiros ingleses. Foram torpedeados dois contra-torpedeiros inimigos. Outros contra-torpedeiros alemães afundaram, ao largo da costa meridional da Inglaterra, dois vapores, um de 9.000 e outro de 3.000 toneladas.

A aviação alemã continuou durante a noite e o dia de ontem os seus ataques de represalia contra a Inglaterra, principalmente contra a região de Londres. Puderam verificar-se novos incendios e grandes explosões.

Como já foi anunciado, forças aereas mais consideraveis atacaram, na noite de ontem, a cidade e as instalações do porto de Plymouth. Foi um ataque concentrado, que provocou graves explosões, bem como grandes e pequenos incendios.

Tambem foram bombardeadas com exito instalações ferroviarias e industriais de uma grande cidade da Escocia.

Baterias de longo alcance do exercito e da marinha bombardearam ontem navios inimigos e outros objectivos, no sector de Dover.

Na noite passada, diversos aviões britanicos lançaram bombas explosivas e incendiarias sobre a Alemanha setentrional e ocidental. Foram ocasionados consideraveis estragos materiais nalgumas casas. Manifestaram-se incendios em coberturas de predios, mas as chamas foram, rapidamente, dominadas. Uma bomba atingiu um hospital de reserva.

Ontem, as perdas do inimigo foram de treze aviões, onze dos quais abatidos em combates aereos e dois pela artilharia anti-aerea de terra e da esquadra. Faltam quatro aparelhos alemães».—(D. N. B.).

Comunicado inglês

LONDRES, 29.—Do ultimo comunicado do Ministerio da Aeronautica depreende-se que a aticvidade da arma aerea inimiga sôbre o territorio da Grã-Bretanha foi grande durante a noite de ontem para hoje. Esse comunicado está redigido nos seguintes termos:

«Foi lançado um grande numero de bombas em varias zonas mas o ataque principal convergiu sôbre cidades do noroeste da Inglaterra e, particularmente, na bacia do Mersey, onde foi provocado um certo numero de focos de incendio e grande numero de casas de habitação e outros edificios sofreu avarias importantes. As primeiras noticias recebidas mostram que o numero de mortos e feridos não foi tão grande como seria de esperar, tendo em atenção o numero de aviões que o inimigo empenhou no seu ataque.

No resto do territorio britanico foram lançadas bombas em varios pontos isolados da metade sul da Inglaterra, não sendo possivel nomear qualquer zona que tenha sido objectivo de ataque especial. As noticias dali recebidas dizem que os prejuizos materiais se localizaram a numerosos lugares, mas não assumiram grande extensão e conclue-se delas tambem que o numero de mortos e feridos é muito pequeno».—(E. T.).

Os ataques da R. A. F.

LONDRES, 29—Grandes formações de aviões de bombardeamento da R. A. F. foram atacar durante a noite passada fabricas de gás, sistemas de comunicações e fabricas de armamentos em Dusseldorf e Mannheim, outros objectivos militares num porto do Baltico e bem assim os portos considerados como base para a invasão das ilhas britanicas de Antuerpia, Boulogne e Havre.—(E. T.).

Uma declaração oficiosa italiana sobre o combate no Mediterraneo

ROMA, 29.—No dia imediato ao vitorioso encontro naval no Mediterraneo ocidental, a Marinha de Guerra italiana efectuou uma brilhante acção contra as baterias anglo-gregas da ilha de Corfu. E' uma nova confirmação, se houvesse necessidade, das multiplas actividades das forças navais fascistas. Tambem durante a acção de Corfu—como nas precedentes acções contra as ilhas do Egeo—a frota britanica e a marinha grega não intervieram. Deve-se acentuar, portanto, que na guerra combatida com as armas e não com as palavras, o dominio do Mediterraneo está em poder da marinha fascista. O comunicado do Almirantado acêrca do encontro ao sul da Sardenha, suscitou em todas as tripulações dos navios italianos a maior hilariedade, não só o estribilho da fuga dos italianos, mas tambem pelas avarias que os ingleses declararam, oficialmente, ter infligido. As unidades que os ingleses pretendem ter atingido continuam na sua tenaz obra de perseguição do inimigo.

A insistencia continua do Almirantado inglês sôbre a fuga dos navios italianos, não pode provocar senão um sentimento de estranheza entre os neutros, porque não se compreende o motivo pelo qual a frota italiana bate continuamente o mar, se depois no momento do encontro, foge, principalmente dada as declaradas dificuldades italianas de reabastecimento de combustivel. E, como é de conhecimento geral, maior velocidade, maior consumo de combustivel, o que não está em contraste com as tais dificuldades de combustivel.—(R. R.).

PIEDADE

O nosso tempo é fertil em lições, algumas das quais aspiram a converter-nos a «comportamentos» que repugnam á nossa feição moral e religiosa. Já vimos o elogio da crueldade como resposta adequada aos clamores dos fracos que suplicam, dos cativos que gemem e dos inocentes que soluçam.

Devem os homens amar-se uns aos outros ou exterminar-se mutuamente?

Jesus trouxe á terra a lei do perdão, da clemencia e da bondade. A sua obra, que quis atingir em nós as raises do mal, partiu do principio de que era necessario considerar a sua palavra como eterna, visto ser tão verdadeira como o proprio Deus.

A piedade que ele pregou, inclinando-se para os humildes, para os pobres e para os parias com carinho infinito, vive ou perece? Quem é mais actual—Caliban ou S. Francisco de Assis? Os antigos romanos despresavam as virtudes que irmanavam os povos: Roma, cabeça dum poderosissimo imperio, mostrava-se insensivel para com os fracos. Reconhecia a estes uma obrigação absoluta—obedecer e pagar.

Que importancia se podia atribuir ao escravo, ao faminto, aos fieis duma religião nova que assentava na humildade as suas virtudes redentoras?

Roma, senhora do universo, corrompeu-se e desfez-se.

Em seu lugar, que ficou?

Precisamente o objecto do seu odio, do seu desdem e dos seus sarcasmos. As legiões sumiram-se no pó. O cristianismo recolheu a riquissima herança do beluario. Coube-lhe a missão de reorganizar, em boas novas, o mundo desmantelado. Passaram seculos e o Evangelho fundou o progresso humano não no culto da força, mas no da justiça. Uma civilização se formou que inscreveu nas consciencias as doutrinas da Boa Nova:

—«Amai-vos, amai-vos uns aos outros».

Faliu a Cruz? Faliu a graça divina?

Duas guerras—uma concluida e outra ainda em curso—vieram lançar a confusão nas almas e nos animos confiantes.

Porque desapareceu a piedade e a fraterna compreensão das miserias em que penam os tristes mortais?

«Viver perigosamente», como pedia Nietzsche, poderá ser um estimulo para a coragem e para a conquista das verdades que salvam, mas inebriar-se com a dôr dos seus irmãos, tripudiar sobre a desventura e a desgraça alheias, parece-nos uma prova de brutalidade e de sanha feroz. O homem, por mais que faça, não escapa á dôr que se gera na sua condição e que lhe determina o destino. Se um dos nossos semelhantes se rende á violencia e á derrota, abdicou, por acaso, do direito a ser respeitado na sua qualidade de vitima?

A piedade não corresponde a um sentimento retrogrado, antiquado, pois ha nela um dom de perfeição que a torna sempre actual. Os que se apresentam como defensires dum struggle for life implacavel, afirmando aos quatro ventos que detestam as atitudes submissas e os gestos de benção, expõem-se a grave castigo.

Quantos se julgam invulneraveis, prontos a arrostar com os deuses e as suas coleras, sucumbem a breve prazo—sem brilho nem grandeza.

Se com o pó da terra não se erguem cidadelas, tambem com a soberba e o destemor se não constroem imperios.

Trecho do formosissimo discurso que o sr. dr. Julio Dantas pronunciou ontem, na Academia das Ciencias:

—Os acontecimentos a que estamos assistindo vão mudar, talvez, a face do Mundo. Não sei se a função diplomatica, tal como nós a compreendiamos e tal como a regista a historia moderna e contemporanea—função que V. Excia., sr. dr. Ruy Ulrich, tão notavelmente exerceu na côrte de Londres — será de futuro afectada na sua natureza, na sua significação e no seu tradicional esplendor pelas novas concepções da politica internacional e da acção dos seus agentes, porventura reduzidos amanhã á categoria de simples chefes de serviços de observação e informação...

O sr. dr. Julio Dantas vive em contacto permanente, estudando-os e compreendendo-os, com os problemas do nosso tempo. O papel da diplomacia merece-lhe muita atenção, mesmo porque ele proprio, como dizia o principe de Ligne, vê os acontecimentos sob dois aspectos igualmente importantes—no seu valor espectacular e presente e na sua marcha para o futuro.

Quando um dia se ajustar a paz, liquidado o tremendo conflito que hoje dessangra a Europa, ver-se-á, então, quem pode mais —se o homem novo ou o velho homem.

■

Do sr. visconde de Castelo Novo recebemos a seguinte carta:

«Senhor director:—Tendo lido no conceituado jornal de V. a descrição das comemorações da Restauração de Portugal, a que assistiram os representantes dos conjurados, e não tendo sido incluido o representante de Antonio Mello e Castro, que eu directamente represento, venho pedir a V. o favor de tornar publico o meu protesto contra o esquecimento a que foi votado o meu ilustre antepassado. De V. etc.—**Francisco Correia de Sampaio Mello e Castro, visconde de Castelo Novo**».

Cremos que tal esquecimento foi involuntario, pois não é facil eclipsar Antonio Mello e Castro cujo nome Portugal admira e venera. Numa hora em que o passado ressurge nas suas grandes figuras, pode muito bem acontecer, mesmo por inadvertencia ou precipitação, que se omita uma ou outra, sem que de tal se deduza que a falta é irreparavel.

■

Não costumamos intrometer-nos sistematicamente na apreciação dos actos politicos e sociais—até quando os reprovamos —que se praticam nos outros países. Quando, porém, interessam á humanidade, que se vê ofendida nos seus sentimentos essenciais e profundos, o silencio seria quasi cumplicidade. Referimo-nos ao assassinio de 67 presos politicos que um bando cometeu impunemente, sob o pretexto de vingar Codreano e os seus companheiros, caídos numa lugubre e arripiante cilada.

Onde fica situada a Romania? Com que garantias se protege lá a vida humana? O governo romeno, após um conselho que durou dez horas, teve a rara coragem de declarar que não aprova tais «execuções» e que de futuro castigará os responsaveis.

E' de fazer ranger os ossos esta maneira original de reeditar o procedimento de Pilatos.

—Por agora tudo se passará, como se nada se passasse... De futuro, porém...

Onde fica situada a Romania?

■

Conforme Louis Madelin, da Academia Francesa, mestre-historiador, um dos grandes erros do seculo XIX foi confundir a noção do Estado com a da Nacionalidade.

Embora devam viver unidos, numa harmonia fecunda, convem que o primeiro para desempenhar a sua missão não encare a segunda sob um aspecto passivo a que ele inprime forma, movimento e acção.